HISTÓRIAS PERDIDAS

DOSSIÊ DE PESQUISA

A Chaminé da Vila da Juta

Memórias da antiga Vila Santo Antônio
Local desaparecido
Tremembé
Século XX — período industrial da Vila da Juta
Interpretação



A HISTÓRIA POR TRÁS DA HISTÓRIA

O lugar e sua memória

A chaminé da antiga Vila da Juta permanece como um dos vestígios mais marcantes de um espaço ligado ao trabalho, à vida comunitária e às memórias de Tremembé. Em torno dela sobreviveram lembranças da antiga vila e também de uma tragédia que atravessou gerações entre relato, memória e investigação.

A juta em Tremembé

A presença da indústria da juta em Tremembé aparece em registros históricos anteriores às memórias que hoje cercam a antiga chaminé.

Em abril de 1931, uma notícia registrou a aquisição da Fazenda Maristella, em Tremembé, pela Companhia Fabril de Juta de Taubaté. O texto mencionava planos ligados ao cultivo de uma fibra têxtil.
Dois anos depois, outra publicação tratava de experiências com fibras e plantações em Tremembé dentro daquele contexto industrial.
Um estudo posterior sobre as vilas operárias da região registra ainda que, em 1941, teriam sido instaladas seções de tecelagem em Tremembé, Caçapava e Pindamonhangaba.
Esses documentos ajudam a reconstruir o ambiente industrial no qual a memória da Vila da Juta se insere.
Eles ainda não permitem, entretanto, determinar quando exatamente a chaminé que permanece no local foi construída, quem a projetou ou se sua origem está diretamente ligada a cada um desses empreendimentos.

A Vila Santo Antônio

O lugar aparece nas memórias dos moradores com dois nomes que atravessaram o tempo: Vila Santo Antônio e Vila da Juta.

A própria documentação contemporânea ainda preserva os dois usos. Páginas da Prefeitura de Tremembé utilizam “Vila Santo Antônio” em determinados endereços e “Vila da Juta” em outros registros da cidade.
Isso não significa, por enquanto, que esteja documentalmente esclarecida a origem dos dois nomes, seus limites ou se houve alguma mudança oficial de denominação.
Nas lembranças reunidas pelo Histórias Perdidas, porém, a Vila da Juta aparece sobretudo como um espaço vivido: lugar de trabalhadores, famílias, crianças, campos, casas e histórias que sobreviveram mesmo depois das transformações da região.

A vida ao redor da chaminé

Antes de ser lembrada principalmente pela tragédia, a chaminé fazia parte do cotidiano de quem cresceu naquela região.

Moradores recordam brincadeiras ao redor da estrutura, crianças entrando em seu interior, subindo pelos degraus existentes ali e atravessando terrenos para chegar ao local.
Doris Oliveira recordou que a casa de sua avó ficava nos fundos da chaminé e que passava por baixo da cerca para brincar com outras crianças.
Benedito Sérgio Duarte lembrou que a estrutura teria sido mais alta e possuía uma escada interna feita com vergalhões. Segundo ele, crianças chegavam a subir para assistir aos jogos realizados nas proximidades.
Debora Cassiano Freitas resumiu outra dimensão daquela memória: passou parte da infância brincando ao redor da chaminé e ainda guarda saudade daquele lugar.
São lembranças individuais, mas juntas revelam que a antiga estrutura não era apenas parte de uma fábrica desaparecida. Para muitas crianças daquela época, ela também fazia parte da paisagem da infância.

A chaminé que ficou

A estrutura que ainda permanece na Vila da Juta não teria chegado aos nossos dias exatamente como era originalmente.

Diversos depoimentos recordam que existiam duas chaminés na região. Uma delas teria desaparecido, enquanto a outra teria sido reduzida em altura.
No documentário realizado pelo Histórias Perdidas, o próprio sobrevivente da tragédia, Valdir Bernardes, recorda que a chaminé foi posteriormente diminuída. David Mendes também registra a memória de que originalmente existiam duas estruturas, das quais apenas uma permaneceu.
A fotografia atual permite observar uma construção cilíndrica em tijolos, com uma pequena abertura em arco na base, hoje protegida por grades. Na parede também permanece um elemento circular de cerâmica azul e branca.
A data dessas modificações e a configuração original das duas chaminés ainda precisam ser documentadas.
?? A própria população pode ajudar enviando ao Histórias Perdidas fotografias antigas, plantas ou documentos que permitam reconstruir a configuração original das chaminés e determinar quando ocorreram as alterações.

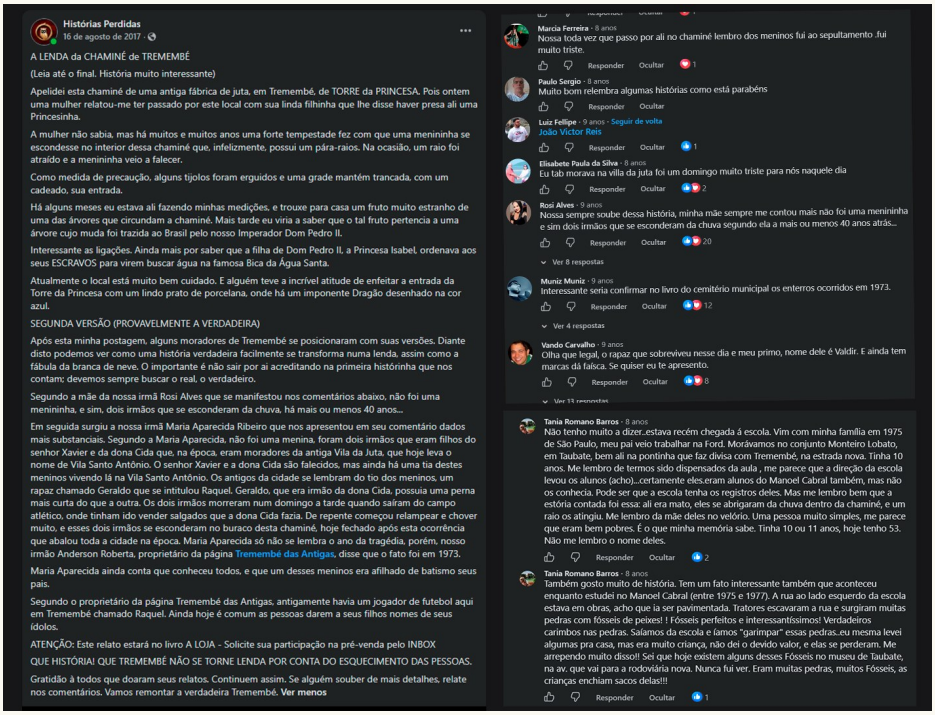


Detalhes da Chaminé · Detalhes da Chaminé registrados pelo histórias perdidas · por David Mendes

Da lenda à investigação

Durante anos, a história daquela chaminé circulou de maneira fragmentada.

Uma das versões falava sobre uma menina que teria procurado abrigo no local durante uma tempestade e morrido depois da queda de um raio.
Foi a partir dessa narrativa que David Mendes publicou, em 2017, uma história sobre aquilo que passou a chamar de “Torre da Princesa”.
Mas os comentários começaram a modificar aquela versão.
Moradores diziam que não havia sido uma menina. Depois surgiu a lembrança de um menino.
Outros afirmaram que eram dois. Aos poucos, familiares e antigos moradores passaram a acrescentar informações.
A investigação acabou chegando a outra configuração da história: três jovens estariam no local.
Dois morreram. Um terceiro sobreviveu.
A lenda, portanto, não foi simplesmente descartada.
Ela serviu como uma porta de entrada para uma investigação sobre um acontecimento real que, com o passar dos anos, havia perdido nomes, datas e detalhes e começava a se confundir com a tradição oral da cidade.



Postagem e comentários na rede social do Histórias Perdidas · Postagem e comentários · por David Mendes

A tragédia

A versão mais importante preservada pelo Histórias Perdidas veio do próprio sobrevivente.

Valdir Bernardes contou que era final de uma tarde de domingo. Ele e dois primos haviam ido assistir a um jogo no campo do Atlético quando o tempo começou a mudar.
Com a chegada da tempestade e dos raios, os três procuraram um local próximo onde pudessem se proteger da chuva.
Entraram na chaminé.
Valdir recorda apenas o momento da descarga.
Segundo seu depoimento, os dois primos estavam de um lado e ele de outro. Depois do raio, os três teriam caído para a região inferior da estrutura, onde havia um fosso e galerias.
As famílias só perceberam o desaparecimento das crianças algumas horas depois.
Começaram as buscas.
Segundo Valdir, eles foram encontrados apenas por volta das dez horas da noite.
Dois dos jovens não sobreviveram.
Valdir foi levado ao hospital.

Uma data ainda em investigação

Até hoje existe uma questão fundamental que ainda precisa ser encerrada documentalmente: a data exata da tragédia.

Cleo Barbosa, que se identifica como irmã das vítimas, registrou uma informação muito precisa: 28 de novembro de 1976.
Ela também afirmou que os irmãos tinham 11 e 13 anos, embora não tenha indicado qual idade correspondia a cada um.
Outro familiar, Julio Bruto, identificou os dois irmãos como Carlos e Cleber.
Essa combinação faz de 28 de novembro de 1976 a data mais precisa encontrada até agora entre os relatos familiares analisados.
Existe inclusive uma coerência adicional: 28 de novembro de 1976 caiu em um domingo, o mesmo dia da semana lembrado em outros depoimentos.
Mas isso ainda não transforma a data em fato documentado.
Outras versões registradas ao longo dos anos mencionaram 1973, 1977 e até 1967.
?? CHECAR HISTORICAMENTE
A prioridade agora é procurar registros civis, livros de sepultamento e jornais da época, começando por 28 de novembro de 1976 e pelos dias imediatamente seguintes.

O sobrevivente

Valdir Bernardes sobreviveu.

Segundo seu próprio depoimento, permaneceu desacordado no hospital por aproximadamente dois ou três dias.
Quando recuperou a consciência, seus dois primos já haviam sido sepultados.
A experiência deixou marcas que ele associava diretamente ao acidente. Durante a entrevista, mostrou cicatrizes que dizia terem permanecido depois da descarga.
Mas as marcas não eram apenas físicas.
Décadas depois, Valdir contou que evitava passar pela região da chaminé e que tempestades, trovões e raios ainda traziam de volta as lembranças daquele dia.
Ele próprio interpretava sua sobrevivência como um milagre.
O Histórias Perdidas preserva essa interpretação como parte de sua experiência pessoal: a forma como um sobrevivente compreendeu e carregou consigo aquele acontecimento durante toda a vida.

Sob a chaminé

Há ainda uma parte pouco conhecida da estrutura.

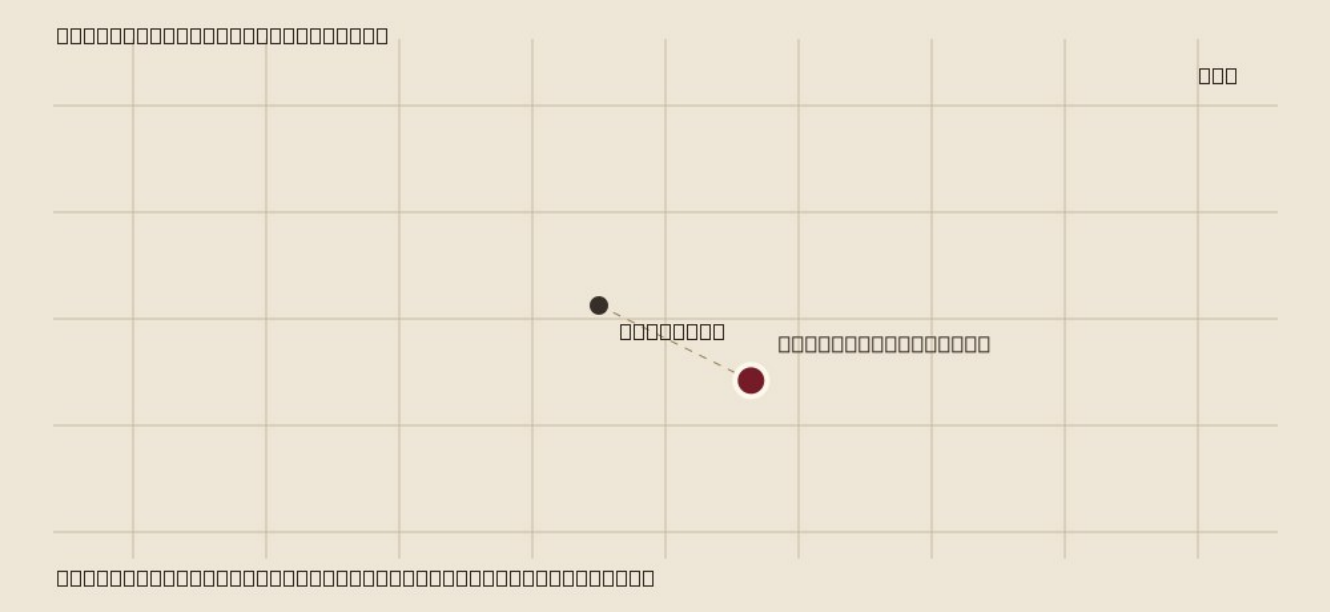
Valdir Bernardes recorda que, na base da chaminé, existiam um fosso e diversas galerias.
Segundo ele, foi justamente em uma dessas galerias que os três jovens foram encontrados depois da descarga.
Outros depoimentos também fazem referência a estruturas subterrâneas existentes naquela região industrial.
Santinho Manfredini recordou placas de concreto enterradas nas proximidades e relatou histórias sobre galerias ligadas ao antigo conjunto fabril.
A função, a dimensão e o percurso dessas estruturas ainda não estão documentados.
Não é possível afirmar, por enquanto, até onde iam as galerias nem qual era exatamente sua finalidade.
?? CHECAR HISTORICAMENTE
Procurar plantas industriais, projetos, fotografias antigas e documentos da antiga fábrica que permitam compreender a estrutura existente sob e ao redor da chaminé.

O que permaneceu

Muita coisa mudou ao redor daquela chaminé.

As estruturas industriais desapareceram ou foram transformadas. A antiga vila deixou de existir da forma como era lembrada por seus moradores. Crianças cresceram. Famílias partiram. Histórias passaram de uma geração para outra.
A chaminé permaneceu.
Ela sobreviveu como um vestígio físico de um tempo em que aquele lugar tinha outra vida e outra função.
Mas também se tornou uma espécie de depósito de memórias.
Há quem se lembre das brincadeiras.
Há quem recorde o campo, as casas e os antigos moradores.
Há quem passe pelo local e ainda pense nos dois jovens que morreram.
E existe a memória daquele que sobreviveu.
Talvez seja justamente por isso que aquela estrutura ainda tenha tanto valor.
Não apenas pelo tijolo ou por sua antiga função industrial, mas porque, enquanto a chaminé permanecer de pé, alguma coisa daquela antiga Vila da Juta também continuará presente na paisagem de Tremembé.

Localização



Esquema geográfico contemporâneo baseado nas coordenadas cadastradas. Ponto vinho: local; ponto carvão: referência municipal. Sem mapa-base, vias ou limites; não representa cartografia histórica.

Referências e fontes

Nenhuma fonte pública vinculada a este registro.

Um acervo em construção

Gerado em 27/11/2026.
Histórias Perdidas · A história por trás da história.
Pesquisas históricas podem receber correções e novas fontes. Consulte o portal para a versão atualizada.